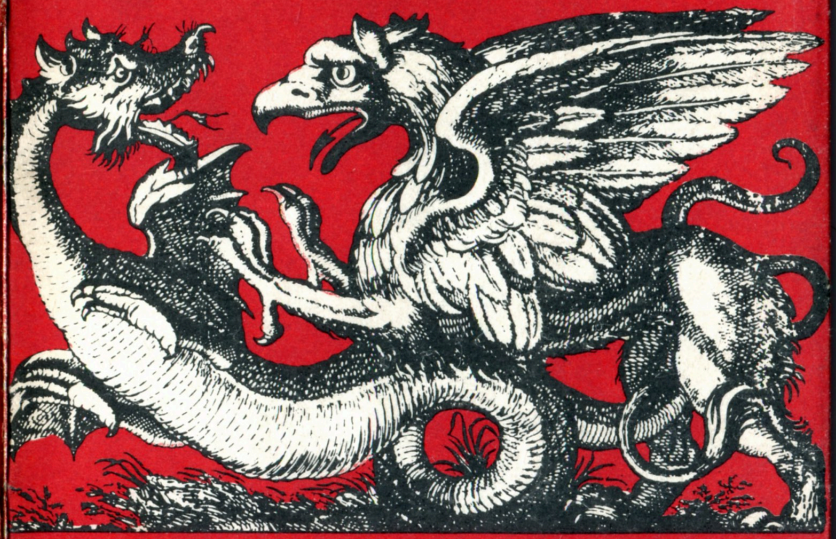
ANTIGONA

RAOUL VANEIGEM

Isidore Ducasse e o Conde de Lautréamont nas Poesias



ANTIGONA

ISIDORE DUCASSE E O CONDE DE LAUTRÉAMONT NAS POESIAS

POR
RAOUL VANEIGEM

EDIÇÕES ANTÍGONA
LISBOA 1980

Título original	Isidore Ducasse et le Comte de Lautréamont dans les Poésies
Tradutor	Silva de Viseu
Capa e arranjo gráfico	Antígona
Edições	Antígona Apartado 4192 1504 LISBOA Codex — Emp. Ed. em nome individual registada na R. R. I./D. G. I., sob o n. 407 529

ADVERTÊNCIA DOS EDITORES

Entendemos esta brochura de Raoul Vaneigem, *Isidore Ducasse e o Conde de Lautréamont nas Poesias*, enquanto prefácio possível e digno à edição portuguesa dos *Cantos de Maldoror* e das *Poesias.*

Aquele que desgraçadamente lá está, no início do livro da Moraes, assinado por um tal Jorge de Sena, é uma idiotice e um escarro: uma idiotice porque se atreve a dizer que Lautréamont não disse o que disse quando disse que «a poesia deve ser feita por todos e não por um», um escarro pois apresenta Ducasse como um mero imaginativo criador de «uma nova realidade que se torna mais real do que o natural.» Como se o horrível assumido por Maldoror não fosse o horrível vivido por nós... Ponto final.

O texto de Vaneigem, publicado pela primeira vez em Bruxelas no ano de 1956 e reimpresso em Dezembro de 1978 na cidade de Barcelona (ed. Belladona), é ainda conceptualmente incipiente. Sempre que o au-

tor fala, por exemplo, de *ideologia* (1), deve ler-se *conhecimento teórico do mundo, pressupondo a revolução prática desse mesmo mundo.* Por *militantismo* (2), e à luz das ulteriores posições do autor, também só se poderá conceber *o conjunto de medidas práticas* — e entre essas medidas conta-se a própria produção teórica — *tomadas pelos proletários organizados e tendendo à referida revolução.*

De 1956 para cá Vaneigem compreendeu, e ajudou-nos a compreender, que a ideologia e o militantismo, abstracções espectaculares de realidades separadamente vividas, são os principais inimigos da teoria e da práxis revolucionárias.

Juntamos em apêndice, por ser inédita em português, a correspondência de Ducasse.

---

(1) «A ideologia é a base do pensamento duma sociedade de classes, no curso conflitual da História. Os factos ideológicos não foram nunca simples quimeras, mas a consciência deformada das realidades, e, enquanto tais, factores reais exercendo por sua vez uma real acção deformante...» (Guy Debord *in* «A Sociedade do Espectáculo», ed. Afrodite).

(2) «Existe um abismo entre lutar para viver e lutar para não morrer. As revoltas da sob(re)vida aferem-se pelas normas da morte. É por isso que elas exigem antes de mais a abnegação dos militantes, as suas renúncias *a priori* ao querer-viver pelo qual não há ninguém que não lute de facto». (Raoul Vaneigem *in* «A Arte de Viver para a Geração Nova», ed. Afrontamento).

Lautréamont entrou na história literária pela mão de *Maldoror* (1) e fê-lo com uma mestria tão grande que Isidore Ducasse, o autor das *Poesies* (2), lhe é quase devedor de dela não se ver excluído. Com efeito, quantos se desobrigam, através do embaraço ou da desenvoltura com que abordam o «*Préface à un Livre Futur*» (3), de uma desaprovação tácita, de uma censura incon-

---

(1) Título português: *Cantos de Maldoror,* Moraes editores, col. Aventura Interior (N. T.).

(2) Título português: *Poesias* in «Cantos de Maldoror», obra citada (N. T.).

(3) Em português: *Prefácio a um Livro Futuro,* subtítulo das *Poesias* (N. T.).

fessada endereçada às *Poesias*? Nenhum, sem dúvida, embora o desamor não se manifeste menos numa tal vontade de sujeitar o delicado processo aonde se diferenciam os múltiplos aspectos dum mesmo ser ao mecanismo duma lógica puramente formal.

Será preciso recordar à volta de que dilema gravitam a maioria das explicações até hoje propostas? Ou as *Poesias* sucedem a Maldoror como um «conformismo sem cambiantes» à «revolta sem tréguas» (Camus), ou o niilismo sistemático dos Cantos rasga uma nova via através de uma mistificação cínica. Por outras palavras, ou Lautréamont renuncia (não se poderia renovar melhor — e à custa de um exemplo mais complacente — o paradoxo de Rimbaud) ou dissimula. Tanto num caso como no outro, semelhante comportamento não trai senão, da parte de quem o supõe a tal ponto ideal, o estado de um pensamento apenas preocupado com os seus próprios reflexos e brotando muitíssimo pouco inquieto com a realidade concreta. No entanto, o problema das *Poesias*, por mais complexo que se apresente, não justifica, de forma alguma, a ausência de uma solução objectiva.

A ninguém passaria pela cabeça negar a influência exercida pelo «objecto» biológico, psicológico e social sobre os Cantos de Maldoror, ninguém, depois do perspicaz es-

tudo de Léon-Pierre Quint, recusaria descortinar, imbricadas na obra, três determinantes extremamente ligadas à vida de Isidore Ducasse: agressividade sexual, intervenção cada vez mais notória do controlo racional e um conteúdo ético-ideológico acima de tudo centrado na revolta. É evidente que nenhum destes caracteres se manifesta no estado puro, com particularidades definidas para sempre, mas cada um deles amalgama-se ao seu contrário, submetendo-se a leis de interdependência, num movimento, numa progressão onde cada um se transforma modificando o outro. Em cada momento do processo, o controlo une e dissocia assim revolta e agressividade sexual como, similarmente em Kafka, ele transmuta angústia instintiva e responsabilidade consciente em análise e síntese.

Chegado aqui, Maldoror desemboca nas *Poesias*. Especifiquemos: o *Prefácio a um Livro Futuro* não se apresenta nem como a negação formal dos Cantos, nem como o seu prolongamento, afirmando-se mais como uma superação onde Maldoror, apesar de negado, oferece ao conservar-se uma síntese das contradições volvidas críticas no canto VI e, por esse facto, revelando-se também como o resultado, através dum saldo *qualitativo*, de uma transformação que permanecia, até ao desaparecimento de Maldoror, puramente *quantitativa*.

O que sobretudo se ressente na leitura sucessiva de Maldoror e das *Poesias* é a disparidade; disparidade encarada como ruptura de hábito nas sensações e não — a priori — no raciocínio, mas, curioso mal-entendido, é em função deste mal-estar, nascido da passagem sem transição do tufão à calmaria, que todos se mancomunam para avaliar a obra póstuma de Isidore Ducasse; é imbuídos da efervescência, da fogosidade, do frenesim maldororiano que persistem, uma vez negligenciados o conteúdo e o sentido da revolta, em conjecturar acerca do *Prefácio* e da sua fria determinação, cotejando-o sempre com a intensidade passional dos Cantos. Ainda se o espanto nascesse dessa mestria com que o racional passa para o primeiro plano da obra, dessa destreza com que se garrota o erotismo ou da vontade, explícita no canto VI, de metamorfosear as manchas de sangue em manchas de tinta e que a chegada das *Poesias* bastará para apagar! É que vale a pena perguntar: que causas presidiram à eliminação, na última obra de Isidore Ducasse, da totalidade dos elementos espontâneos, instintivos, incontrolados?

Que Ducasse liquida os seus problemas sexuais, prova-o a estrofe dos pederastas, a meio caminho entre a confissão e a provocação. Entrega, sem dúvida, a uma conduta activa o encargo de normalizar o seu

estado psicológico, de nele restabelecer um equilíbrio demasiado tempo comprometido pelos tabus duma sociedade que detestava à força de a sentir toda-poderosa. Seja como for — e isto, longe de a excluir, interliga-se profundamente com a hipótese precedente —, outras preocupações polarizam as suas faculdades de análise. Com a queda de Maldoror tinha de ruir, como haveremos de ver, o atroz frente-a-frente entre o eu e a solidão, entre uma sensibilidade exacerbada e um oceano de ódio e de paixões. Para além do eu, Ducasse descobre o mundo, as ideias e os homens, e daí a busca de uma verdade, a das *Poesias* e a do grupo Sircos-Damé.

As *Poesias* irão materializar o triunfo do lúdico sobre as forças confusas do inconsciente, consagrarão, para falar como Nietzsche, a vitória do apolíneo sobre o dionisíaco. Maldoror, pelo que lhe toca, ostenta os estigmas da luta. Nunca cicatrizes de um tal combate foram mais visíveis em matéria literária. A lucidez de Lautréamont reflecte-se inteira na sua obra, transformando-a à medida que progride, libertando-se de Maldoror para o reconstruir. Se, de início, se limitava a transformar, a racionalizar as pulsões inconscientes ao nível da consciência, adquire depois rapidamente o poder de as ordenar segundo as premissas de um mundo ideológico já definido, o do

mal, o de Maldoror. Nada marca mais o ritmo da obra do que a constante regressão do concreto perante o abstrato. (Um exemplo entre muitos: a luta entre Maldoror e o dragão no canto III *traduz-se* pela oposição do mal à esperança e anuncia os comentários irónicos do canto IV). A tomada de consciência despoja-se ininterruptamente dos elementos instintivos e espontâneos para se elevar até a uma autonomia discursiva absoluta, ao ponto de dispensar o recurso a uma experiência concreta de que, no entanto, era solidária nos seus primórdios. É o estado em que Maldoror, novo Rocambole, se aventura num romance policial onde «cada efeito especial, como o anuncia Ducasse, surgirá no seu devido lugar».

O interesse do canto VI não reside mediocremente neste duplo movimento, na exposição simultânea de uma realidade apercebida, por um lado, no instante da sua incidência no plano da consciência, percepção realizada sob uma forma simbólica e — enquanto qualidade de signo, de conceito — escolhida como objecto de especulações ociosas, quando, por outro lado, uma análise cada vez mais penetrante catapulta Lautréamont para além do eu, na direcção do mundo exterior, na direcção dessa mesma realidade cujo eco vai enfraquecendo, afogada nos floreados da obra,

no jogo gratuito da ficção. Etapa crítica de forma alguma estranha, aliás, ao génio de Lautréamont, e que ele domina com esse seu talento tão particular de exprimir até ao sarcasmo os tumultos dum pensamento agarrado, sob o modelo dos seus próprios reflexos, nos limites de um itinerário contraditório. De facto, as descrições naturalistas e as declarações esotéricas desembocam — a morte de Mervyn e os trocadilhos do canto VI demonstram-no à saciedade — na mesma precisão extravagante, na mesma ironia no detalhe; porém, o riso ambíguo de Lautréamont deixa de mascarar aqui o desacordo de base, acentuando-o e distendendo-o pelo contrário até ao antagonismo — ele faz as vezes das reticências que afirmam, com a impossibilidade de terminar um verso, o desejo de recomeçar o poema. As *Poesias* respondem a esse desejo. Ducasse ultrapassa a contradição entre realismo e formalismo, elevando-se ao nível dum sistema filosófico, já não numa base arbitrária, convencional, inaceitável, mas pela sua própria vontade de admitir as estruturas objectivas e de as tratar em função de uma observação crítica. Os factos, desembaraçados do lirismo que os transfigurava, que os enfunava como velas no mar maldororiano, serão escolhidos e etiquetados nas *Poesias*, de acordo com o seu valor demonstrativo ou exemplar. Pedra de toque: na tormenta dos cantos, que nar-

rativa sangrenta, que malvadez de Maldoror não teria sido engendrada a partir da simples evocação sinistra de Troppmann, cujo nome só figura num aforismo das *plaquettes* como ilustrativo da recusa da revolta desenfreada?

Resta, ao nível das ideias e no plano da revolta, uma terceira contradição. O acusado já não é Maldoror, o ser imaginário, o homem de lábios de jaspe, mas todo o sistema filosófico de que ele era simultaneamente a ilustração e o porta-voz. Trata-se de refundir o problema do mal com base em novos dados.

Considerando-o imanente ao mundo, com Maldoror, Lautréamont suscitava o Mal sob uma forma aguda, paroxística, de uma violência inaudita e que ele tentava voltar contra a falsa boa consciência universal, contra a secura moral responsável, em seu entender, pela manutenção do Bem supremo numa transcendência perpétua. Com efeito, se Maldoror representa uma etapa no sentido de um mundo melhor, nem por isso deixa de ficar para sempre excluído desse mundo. A sua maldição, o seu tormento de danado consiste ou não em ter de cavalgar ao lado de Mário sem se confundir com ele, em devastar sem ver elevar-se por sobre as ruínas o «recomeço de tudo» tão caro

a Netchaïev [1]? Seja como for, Maldoror, destruidor do mal, guinda-se até Deus, criador desse mesmo mal; ele participa na incessante regeneração do mundo como uma força sobrenatural activa. Ora, à medida em que o sublime Revoltado vive, cresce e medra no decorrer do livro, vai-se também anunciando e precisando cada vez mais um duplo malogro. Dissociados do real pelo próprio carácter da obra no seu declíneo, a eficácia de Maldoror e, por consequência, o valor do princípio que ele representa enrodilham-se em frases vãs, manifestam uma actividade de mosca prisioneira da teia de aranha, para depois se imobilizarem numa confusão aonde, com a ajuda da mestria literária, vêm à tona a especulação pura, a acrobacia formalista, um sucedâneo da arte pela arte que, se suficiente para satisfazer a vaidade literária, nega o desígnio do revoltado. Diga-se já agora que, quer se queira quer não, Ducasse permanecerá toda a sua vida um revoltado, um homem para quem o mundo deve ser mudado e que para isso contribui.

---

(1) «Netchaïev... extorquindo dinheiro a Bakounine em nome de uma organização terrorista inexistente, chega a dirigir um verdadeiro grupo de niilistas».

Raoul Vaneigem *in* «A Arte de viver para a Geração Nova» (N. T.).

Porque renegará Lautréamont o fantoche Maldoror, o revoltado para rir, o insurrecto literário? É fácil de perceber. Se Ducasse podia esperar que um leitor próximo das suas concepções prestasse atenção às palavras insidiosamente murmuradas pelo seu herói à criança das Tulherias («Não gostarias um dia de dominar os teus semelhantes?... Os meios virtuosos e bonacheirões não levam a nada...»), o mesmo já não seria provável quando deixa Maldoror atolar-se no papel de bobo niilista. A cena do louco Aghone é a este respeito reveladora: «Que pretendia Maldoror? Conquistar um amigo a toda a prova, suficientemente ingénuo para obedecer à menor das suas ordens», escreve Ducasse e acrescenta: «É exactamente de Aghone que ele precisa». Maldoror, reduzido a procurar o seu público entre os delirantes, avança uma razão prévia da sua rejeição. O imobilismo de uma revolta integral reúne-se aqui à vaidade das violências unilateralmente exercidas contra o mal.

Se o Bem só pode nascer, em última análise, de uma auto-destruição do Mal, é porque «as premissas são radicalmente falsas»; daí às *Poesias*, à aceitação do bem e ao reconhecimento da sua apetência como princípio primeiro na negação futura do mal, não vai um passo. Quanto ao aspecto mítico, desprovido de eficácia, ele irá desa-

parecer em proveito duma linguagem directa, dum pensamento claro e conciso, não guardando do irreal mais do que o conteúdo por vezes utópico de aforismos e máximas, aliás resolutamente dirigidos para a acção.

Ducasse não balanceia entre revolta e renúncia, passando sim da oposição tese-antítese a uma síntese que enforma a revolta das *Poesias*. Se estas o comprometem numa via mais conforme à realidade do mundo onde vive, nunca por nunca ser se deve concluir que ele põe nos píncaros da lua, ou sequer que ele admite — porque mistério da psicologia? — um tal estado de coisas contra o qual açulou Maldoror, contra o qual, com um furor semelhante, o anarquista Emile Henry [1] lançará, vinte e cinco anos mais tarde, o seu ódio e a sua bomba. A violência perdeu atractivos, é claro, mas sem por isso contrariar a vontade de opor às forças do Mal o desejo de aceder e de fazer aceder a humanidade a um mundo

---

[1] *Emile Henry* — Anarquista francês nascido em 26 de Setembro de 1872, filho do comuneiro Fortuné Henry condenado à morte por contumácia. Emile Henry foi guilhotinado no dia 21 de Maio de 1894 por ter lançado duas bombas, uma em 8 de Novembro de 1892 na *Société des Mines de Carmaux* que acabou por rebentar na esquadra da polícia da rua *des Bons-Enfants*, a outra no café *Terminus* da estação de *Saint-Lazare*, no dia 12 de Fevereiro de 1894 (N. T.).

melhor. Que há o direito de falar de oposição, óbvio é quando se integram as *Poesias* na época que as viu nascer. Esquece-se amiúde, para além do facto dos aforismos adquirirem o seu significado no contexto e no sistema elaborados por Ducasse, que a recusa da guerra é contemporânea das campanhas bélicas da imprensa (1870), que as troças dirigidas aos «romancistas de supremo tribunal» apontam a dedo os Houssaye, Augier, Dumas e outros que acompanhavam o processo Troppmann (ver relato em *La Marceillaise* de 28 de Dezembro de 1869).

Este recurso ao meio histórico não só o bom senso o legitima como os próprios factos o exigem. Se as causas internas constituem, como já vimos, a base das mudanças, a condição dessas mudanças deve ser procurada nas causas externas. Uma vez analisada a passagem de um líquido ao estado gasoso, impõe-se necessariamente o estudo da temperatura adequada a uma tal transformação. É outrossim fundamental explicar sob que influências externas as *Poesias* se diferenciam qualitativamente de Maldoror.

Apesar de não ter transtornado Ducasse tanto quanto se pretendeu, o falhanço dos Cantos de Maldoror nem por isso deixa de desempenhar um papel muito importante na sua decisão. Não que ele o tenha conduzido

a uma palinódia complacente ditada por um desejo de glória, mas porque a recusa do livro quer por parte do público, quer pela censura, concretizava, provava na prática [1] a vaidade duma revolta já denunciada na obra e no pensamento do autor. «Foi tudo por água abaixo. E isso abriu-me os olhos», escreve ele a Darasse [2]. Porquê então não desaparecer desde logo sob o disfarce de um intelectual anónimo? É que, paralelamente ao malogro de Maldoror, afirmava-se já, quer no espírito de Ducasse, quer no do seu círculo de amigos, o sucesso das ideias desenvolvidas nas *Poesias*. Quando redige as suas *plaquettes*, Lautréamont já não está só. A sua «filosofia da poesia» tem de encontrar, sabe-o, a adesão de um grupo literário, de um movimento de jovens cujas ideias ainda incertas são expostas nas revistas *«La Jeunesse»* (mais tarde «L'Union des Jeunes») e *«L' Avenir Littéraire, philosophique et scientifique»*. Os directores destas revistas não são senão Alfred Sircos e Frédéric Damé, ambos citados na dedicatória das *Poesias*. Quais os seus propósitos? Um editorial de *La Jeunesse* espe-

(1) «Dante, Milton, ao descreverem hipoteticamente as planuras infernais, provaram que eram hienas de primeira apanha. A prova é excelente. O resultado é mau. As obras deles não se compram.» (N. A.).

(2) A tradução de toda a correspondência de I. Ducasse vem apensa no fim desta brochura (N. T.).

cifica-os: «Trabalhemos pois, irmãos, para restituir à humanidade a sua bela prerrogativa: o amor. Dirijo-me a vós, soldados da inteligência: escritores, poetas, publicistas, artistas... Só hoje pode começar o progresso da ordem moral». Dez graus a mais no estilo e eis-nos ao nível das *Poesias*. Comparemos também o conselho de Damé à carnificina das «grandes cabeças moles do nosso século»: «A melhor maneira de combater a decadência moral que nos invade é estudar a imprensa moderna que tanto contribuíu para este triste resultado». As *Poesias* tendem a assumir-se enquanto manifesto de um movimento inovador, onde Ducasse assoma como o espírito mais lúcido e consequente. Não proclama ele a sua filiação na equipa de «reedificação moral» quando escreve, como num eco a este preâmbulo de uma das revistas «O futuro — quer dizer, o Mal dando lugar ao Bem, o Feio dando lugar ao Belo, o Pequeno dando lugar ao Grande...», o exergo famoso das *Poesias*: «Substituo a melancolia pela coragem, a dúvida pela certeza, o desespero pela esperança, a maldade pelo bem, as queixas pelo dever, o cepticismo pela fé, os sofismas pela frieza da calma e o orgulho pela modéstia»?

Nada disto deve surpreender-nos. É provável que Ducasse tenha, em mais de uma ocasião, conversado acerca de tais assun-

tos com Alfred Sircos, o único crítico suficientemente clarividente para saudar o aparecimento do primeiro canto de Maldoror e só ele capaz de escrever (sob o pseudónimo de d'Epistémon) [1]: «Esta obra não será confundida com as outras publicações contemporâneas; a sua originalidade pouco comum disso nos é garantia». Segunda prova das relações amigáveis que uniram os dois homens: as *Poesias* foram editadas na livraria Gabrie, Passagem Verdeau, n.º 25, precisamente onde *L'Union des Jeunes* possuía as suas instalações. Consciente do apoio e da eficácia que encontraria o seu pensamento, Ducasse não enxergava a mínima razão para diferir, até à sua elaboração completa, a edição dos pontos de vista novos que deveriam subverter os seus contemporâneos. O *Prefácio a um Livro Futuro*, reunindo-se às concepções tímidas do movimento Sircos-Damé (ainda inorganizado), supera-o no sentido de uma solução mais original do problema, uma solução passada pelo crivo de Maldoror e disposta a nunca mais se afastar do concreto, da luta real, de uma organização

---

(1) *La Jeunesse* n.º 5, de 1 a 15 de Setembro de 1868. Diga-se, em abono da tese de Vaneigem, que esta apreciação elogiosa do 1.º canto surge *antes* do aparecimento do livrinho nos escaparates. Confrontar em apêndice «Carta a um Crítico desconhecido.» (N. T.).

militante cujas regras de acção viriam a ser especificadas num desenvolvimento ulterior das *Poesias*. É por isso que qualquer estudo deverá basear-se doravante não só na dialéctica *Maldoror-Poesias*, mas também no contexto histórico que presidiu ao seu nascimento, nas interacções da época e da evolução tanto psicológica como ideológica de Lautréamont. É assim necessário admitir que as *Poesias* se dirigiam antes de mais aos homens do Segundo Império prestes a desabar, tal como a *Théorie de l'Unité Universelle* de Fourier havia exigido previamente o apoio dos filantropos seus contemporâneos; só aceitando isto se compreenderá como a obra hesitante de Ducasse reflecte a lenta tomada de consciência do oprimido, como, ao lado de Maldoror, de um individualismo monstruoso — de uma vontade de viver para si no desafio dos outros, adentro de um mundo onde cada um vive para si no terror dos outros — começa a desabrochar e a desenvolver-se o desejo de viver para todos, o desejo de realização numa sociedade onde o interesse geral se antecipe ao interesse de cada um. Assim concebida, qualquer análise desaguará fatalmente no seguinte: Maldoror e as *Poesias* aparecem, em última instância, como o reflexo da dupla tendência do movimento anarquista, da sua perpétua oscilação entre a violência pura e a utopia reformadora.

CORRESPONDÊNCIA DE ISIDORE DUCASSE

A UM CRITICO DESCONHECIDO

Paris, 9 de Novembro de 1868

Senhor,

Queira ter a bondade de fazer a crítica desta brochura [1] no vosso estimável jornal. Por circunstâncias alheias à minha vontade, ela não pôde aparecer nos escaparates durante o mês de Agosto. Encontra-se agora à venda na *Livraria do Petit Journal*, e na *Weil e Bloch*, situada no passadiço *Européen*. Devo publicar o 2.º canto no fim deste mês sob a chancela Lacroix.

Rogo-lhe, Senhor, que aceite as obsequiosas saudações do

AUTOR

---

(1) Trata-se do 1.º canto de Maldoror, editado separadamente e sem nome do autor pelos impressores *Balitout, Questroy e Cª*, em Agosto de 1868 (N. T.).

AO BANQUEIRO DARASSE

22 de Maio de 1869

Senhor,

Recebi precisamente ontem a sua carta datada de 21 de Maio; era a sua sem dúvida alguma. Pois bem, saiba que não posso, infelizmente, deixar passar assim a oportunidade de lhe apresentar as minhas desculpas. Eis a razão: se o senhor, no outro dia, me tivesse prevenido, mais que não fosse pela minha ignorância acerca do que de desagradável pode acontecer a uma pessoa colocada em semelhantes circunstâncias, de que os fundos estavam em vias de se esgotar, eu teria tido o cuidado de não lhes tocar; seja como for, o certo é que eu teria sentido tanta alegria em não escrever estas três cartas como o senhor em não ter de as ler. O senhor pôs em vigor o deplorável sistema de desconfiança vagamente prescrito pela bizarria do meu pai, mas far-me-á concerteza a justiça de adivinhar que a minha dor de cabeça não

me impede de considerar atentamente a difícil situação em que o vem colocando uma folha de papel de carta oriunda da América do Sul e cujo principal defeito consiste na falta de clareza; é que eu não levo em conta a malsonância de certas observações melancólicas facilmente perdoáveis a um velho e que me pareceram, numa primeira leitura, terem o ar de lhe querer impor, daqui para o futuro talvez, a necessidade de extrapolar o seu estrito papel de banqueiro ante um cavalheiro desembarcado na capital... Perdão, caro senhor, tenho um pedido a formular-lhe: se o meu pai enviar outros fundos antes do dia 1 de Setembro, altura em que o meu corpo fará uma aparição diante do seu banco, será capaz de mo comunicar? Para algo mais que surgir, acho-me em minha casa a qualquer hora do dia; portanto, não terá senão que me escrever uma palavrinha e eu recebê-la-ei porventura ao mesmo tempo que a menina que abre a porta, ou mesmo antes, se me encontrar no vestíbulo... E tudo isto, repito-o, por uma formal e insignificante bagatela! Entregar dez bagos secos em vez de cinco, olha a grande coisa! Depois de muito reflectir sobre este assunto, confesso que o considerei cheio de uma notável quantidade de importância nula... (1)

(1) Desta carta incompleta, só os fragmentos aqui traduzidos são hoje conhecidos (N. T.).

AO EDITOR VERBOECKHOVEN

Paris, 23 de Outubro de 1869 (1)

Deixe-me antes de mais explicar-lhe a minha situação. Cantei o mal como o fizeram Michiewikz, Byron, Milton, Southey, A. de Musset, Baudelaire, etc. Carreguei naturalmente um pouco as tintas para imprimir à minha obra um carácter novo, no sentido dessa literatura sublime que apenas canta o desespero para oprimir o leitor, fazendo-lhe assim desejar o bem como remédio. Por conseguinte, é sempre o bem

(1) O n.º 7 do «Boletim Trimestral das Publicações Proíbidas em França e Impressas no Estrangeiro», de Auguste Poulet-Malassis, anuncia, precisamente na mesma data, o aparecimento dos Cantos de Maldoror da autoria do Conde de Lautréamont (Cantos I, II, III, IV, V, VI), à venda em todas as livrarias de Paris; Bruxelas, impressores *Lacroix, Verboeckhoven*. No fim do boletim, Poulet-Malassis assevera que «o impressor se recusou a entregar os Cantos de Maldoror para serem postos à venda...» Esta carta e as duas seguintes parecem relacionar-se com tais contratempos (N. T.).

que se canta em suma, só que por um método mais filosófico e menos ingénuo do que o da antiga escola, cujos únicos representantes ainda vivos são Victor Hugo e alguns outros. Venda, não serei eu a impedi-lo disso: que é preciso que eu faça? Estabeleça as suas condições. Gostaria sobretudo que fossem enviados livros aos principais críticos. Só eles ajuizarão, em primeira e última análise, da oportunidade de uma publicação que, de qualquer modo, verá o seu fim muito mais tarde, depois de eu ter visto o meu. Assim sendo, a moral do fim não foi ainda encontrada. E, no entanto, há já uma imensa dor em cada página. Será isso o mal? Não, é claro. Ficar-lhe-ei reconhecido, porque se a crítica dissesse bem eu poderia, nas edições seguintes, suprimir alguns bocados demasiado poderosos. O que acima de tudo desejo é, pois, ser julgado pela crítica e, uma vez conhecido, as coisas irão por si sós.

O seu dedicado
I. Ducasse

Sr. I. Ducasse,
Rua do *Faubourg-Montmartre*, n.º 32

AO EDITOR VERBOECKHOVEN

Paris, 27 de Outubro de 1869

Falei a Lacroix de acordo com as suas instruções. Ele escrever-lhe-á concerteza. As suas propostas são por ele aceites: o eu fazer-vos vendedor em minha substituição, os quarenta por cento e o 12/13. Visto que as circunstâncias tornaram a obra até certo ponto digna de figurar vantajosamente nos vossos catálogos, creio poder ser vendida um pouco mais cara, não vejo nisso inconveniente. De resto, os espíritos estão por aí [1] mais preparados do que em França para saborear esta poesia de revolta. Ernest Naville (correspondente do Instituto de França) fez, no ano passado em Genève e Lausanne, e citando filósofos e poetas malditos, várias conferências sobre o *Problema do Mal* que devem ter deixado marcas nos espíritos, originando uma corrente isensível que se irá alargando cada vez

[1] Bélgica (N. T.).

mais. Reuniu-as depois num volume. Enviar-lhe-ei um exemplar dos cantos. Nas edições seguintes é possível que venha a falar de mim, pois retomo com mais vigor do que os meus predecessores essa tese estranha, e a obra dele, publicada em Paris pelo livreiro *Cherbuliez,* correspondente da Suíça Românica e da Bélgica, e editada em Genève na mesma livraria, far-me-á então conhecer indirectamente em França. É questão de tempo. Não se esqueça de me mandar os exemplares, 20 chegam.

O seu dedicado
I. Ducasse

AO EDITOR VERBOECKHOVEN

Paris, 21 de Fevereiro de 1870

Senhor,

Queira ter a bondade de me remeter *O Suplemento às Poesias de Baudelaire.* Junto lhe envio 2 francos, o preço, em selos de correio. Oxalá isso seja providenciado o mais depressa possível porque me fará falta para uma obra de que falo mais em baixo.

I. Ducasse,
Faubourg Montmartre, n.º 32

Lacroix sempre cedeu a edição ou então que raio de destino lhe deu? Ou recusou-a o senhor? Nunca mais o voltei a ver. — Fique sabendo que reneguei o meu passado. Já não canto senão a esperança; mas, para isso, é preciso primeiro atacar a dúvida deste século (melancolias, tristezas, dores, desesperos, relinchos lúgubres, maldades artificiais, orgulhos pueris, maldições patuscas, etc.). Numa obra que entregarei a Lacroix nos pri-

meiros dias de Março, chamo de parte as mais belas poesias de Lamartine, Victor Hugo, Alfred de Musset, Byron e Baudelaire, e emendo-as no sentido da esperança; indico o que deveria ter sido feito. Nela corrijo também seis composições do meu maldito livro.

AO BANQUEIRO DARASSE

Paris, 12 de Março det 1870

Senhor,

Deixe-me começar pelo princípio. Publiquei um livro de poesias no estabelecimento do Sr. Lacroix *(Boulevard Montmartre,* n.º 15). Porém, uma vez imprimido, o dito senhor recusou-se a pô-lo à venda porque a vida era aí pintada em cores demasiado amargas e porque temia a reacção do procurador geral. Tratava-se de algo no género do *Manfred* de Byron e do *Konrad* de Mickiewicz, mas, é verdade, muito mais terrível. A edição custou 1.200 F., dos quais adiantei 400. Foi tudo por água abaixo. E isso abriu-me os olhos. Disse para comigo que se a poesia da dúvida (dos volumes contemporâneos nem sequer 150 pags. ficarão para a posteridade) chegou a um tal estado de desespero morno e de malvadez teórica, é por ser radicalmente falsa; e é-o *porque nela se discute os princípios quando não se deve discuti-los:* é mais do que injusto. Os

gemidos poéticos deste século não passam de sofismas hediondos. Cantar o tédio, as dores, as tristezas, as melancolias, a morte, a sombra, o sombrio, etc. é só querer olhar, dê para onde der, os pueris reversos das coisas. Lamartine, Hugo, Musset, metamorfosearam-se voluntariamente em maricas. São as Grandes-Cabeças-Moles da nossa época. Sempre a choramingar. Por isso mudei completamente de método, para apenas cantar a *esperança,* a *confiança, A CALMA,* a *felicidade,* O DEVER. E assim reato a cadeia do bom Senso e do sangue-frio, que entronca nos Corneille e nos Racine e que havia sido bruscamente interrompida pela intromissão dos enfatuados Voltaire e Jean-Jacques Rousseau. O meu volume não ficará pronto senão dentro de quatro ou cinco meses. Entrementes, gostaria, porém, de enviar ao meu pai o prefácio, uma brochura de 60 páginas editada por A. Lemerre ([1]). Destarte, ele verá como eu trabalho e enviar-me-á o montante necessário à impressão ulterior de todo o volume.

([1]) *Lemerre* nunca editou nada de I. Ducasse. No caso de Ducasse se estar a referir às *Poesias,* também chamadas *Prefácio a um Livro Futuro,* subtítulo baseado justamente nas informações contidas nesta carta, o editor, como indica Vaneigem, foi na verdade a *Livraria Gabrie.* O primeiro fascículo será depositado no Ministério do Interior em Abril de 1870 e o segundo em Junho do mesmo ano (N. T.).

Venho, caro senhor, perguntar-lhe se o meu pai lhe teria dado ordens para me entregar dinheiro para além das mensalidades de Novembro e Dezembro. Nesse caso, necessitaria de 200 F. para a impressão do prefácio que poderia assim ser enviado para Montevideu no dia 22. Se ele não houver dito nada, terá o senhor a bondade de me escrever?

Conceda-me a honra de o saudar.

I. Ducasse,
Rua *Vivienne,* n.° 15

"A ARTE É UMA PARVOÍCE"

Vaché

CULTIVE A INTELIGÊNCIA
NÃO DEIXE MORRER A REVOLTA

LEIA ANTÍGONA:

1 — Declaração de Guerra às Forças Armadas e Outros Aparelhos Repressivos do Estado
Custódio Losa (major dissidente)

2 — A Insurreição Erótica — Autocrítica da Corporeidade Metafórica
Giorgio Cesarano

Seguido de: Prolegómenos Portugueses a uma Revolta Fundada Sobre o Amor
Diana Felgueiras

3 — História Desenvolta do Surrealismo
Jules-François Dupuis

4 — Don Juan de Kolomea
Sacher Masoch

5 — Protesto Ante os Libertários do Presente e do Futuro Acerca das Capitulações de 1937
por um «incontrolado» da coluna de ferro

6 — 3 Histórias 3
Cravan/Rigaut/Vaché

7 — Pesquisas Sobre a Sexualidade
Aragon, Breton, Péret, Tanguy e outros

8 — Isidore Ducasse e o Conde de Lautréamont nas Poesias
Raoul Vaneigem

9 — Os Tomates Enlatados
Benjamin Péret

Tipografia Severo, Freitas & Freitas (Filho) SCARL
R. Manuel Soares Guedes, 13-A LISBOA
Telefone 83 90 15/6